

ALTINO DO TOJAL

O ORÁCULO DE JAMAIS



BIBLIOTECA DE **AUTORES
PORTUGUESES**



— Não saíram. Então fiz uma fogueira à entrada da toca. Nem assim. Chiça! Acabei por tapar a entrada com terra e pedras. Morreram sufocadas lá dentro.

— Podes ter a certeza que não morreram. A esta hora ainda estão a rir-se de ti. Toca de raposa tem sempre outra saída.

— Aquela não tinha. Estive a ver.

— Tinha.

— Não tinha. Morreram sufocadas, as coiras. Senti pena, porque gostava de levar para casa a raposinha nova, para arrasar cão. Cheiram é muito mal. Chiça!

— Não cheiram assim tão mal. Quem cheira mal é o texugo.

— Depende. Há duas espécies de texugo. O texugo-cão, o mais gordo, é que cheira mal.

Pinga a voz preguiçosa do ferroviário Goza:

— Todo o texugo cheira mal, essa é que é essa.

— Mas uns pior do que outros. São o desterro do milho. Chiça! Sempre que vejo um, meto logo cartuchos na espingarda, bons cartuchos de plástico. Não uso cartuchos de papelão.

— Agora ninguém usa cartuchos de papelão.

— Ainda há quem use. Meu tio Carlos diz...

— Ninguém usa. O cartucho de papelão, com a chuva, custa a entrar no cano; já o de plástico escorrega por ele que é uma beleza.

— Isso é verdade. Eu compro-os a quatro escudos, quantos quiser.

— Também eu queria...

— Quantos quiser.

— Também eu queria...

— Traz-mos de Espanha meu tio Carlos.

— Só se for. Aqui não os arranjas a esse preço. Que, em ti, qualquer cartucho é um desperdício. Até faz pena ver-te estragar essa riqueza de material. Não vês mesmo nada de nada. Um pescador apanha mais coelhos com a sua cana de pesca do que tu com essa espingarda tão boa. As boas armas deviam ser para quem sabe usá-las, essa é que é essa.

— Nunca me viste nos meus dias — engalispa-se de novo o caçador Lebrisca. — Dá-me um cigarro. E estes montes também têm influência no rendimento. Chiça!

Estendendo-lhe cigarros e isqueiro, o ferroviário Goza diz com preguiçosa indulgência:

— Pronto, agora a culpa é dos montes...

O caçador Lebrisca puxa fumaças nervosas:

— É dos montes, é! Chiça! Trouxeste-me a uma terra que me põe triste. Tudo cinzento e calado... O vento parece que geme... faz-me doer os ouvidos e também o coração... Acho melhor irmo-nos embora. Acabou-se a caça. A carrinha é minha: se quiseres vir, vens; se não quiseres, ficas. É contigo. E não voltas a dizer que não mato, senão ficas mesmo. Lá no meu Ribatejo farto-me de matar. São terras alegres. Lá mato mesmo sem cão. Que o meu cão é Solipim...

De olhos atentos no vale, fumando também, o ferroviário Goza afirma na sua voz preguiçosa:

— O cão, para ser bom de verdade, tem que ter o céu da boca preto ou então com uma pinta preta.

— Engano — contesta o caçador Lebrisca, mais calmo. — O melhor cão é amarelo e tem rabo preto... o rabo, não o céu da boca. E deve ter os dentes pequenos e revirados para dentro, como as nossas unhas. Esse é que é o verdadeiro cão de caça. Chiça, de cães sei eu!

ÍNDICE

| | |
|--------------|----|
| CAÇA | 7 |
| ESTRIL | 41 |
| JAMAIS | 67 |

BIBLIOTECA|
DE|**AUTORES**
PORTUGUESES

Título: O Oráculo de Jamais
6.ª edição

Autor: Altino do Tojal

Edição: Imprensa Nacional-Casa da Moeda

Concepção gráfica: Departamento Editorial da INCM

Tiragem: 800 exemplares

Data de impressão: Dezembro de 2005

ISBN: 972-27-1451-1

Depósito legal: 236 169/05

ALTINO DO TOJAL

**O ORÁCULO
DE JAMAIS**

6.ª edição

IMPRESA NACIONAL-CASA DA MOEDA

LISBOA
2005

CAÇA

— Não matas nada de nada, essa é que é essa — diz o ferroviário Goza ao caçador Lebrisca, na sua voz preguiçosa, olhando atentamente, de mãos nos bolsos da samarra, o vale matagoso onde branqueja friamente um trecho remansado do rio Ave.

Chuva recente tinha-os forçado a procurar abrigo na cavidade oportuna dum penedo. A chuva passou, mas eles continuam ali, de pé, a conversar.

— Nada de nada — repete o ferroviário Goza, sem desfitar o vale. É um homem corpulento, já com brancas nas têmporas, moreno como um beduíno e de nariz algo achatado como os dos pugilistas. O caçador Lebrisca, com os seus vinte e tal anos, é baixo, magro, pálido, tem bigodinho e boné descaído sobre a orelha esquerda. Embora se note a falta de munições na sua cartucheira, não lhe pende do cinto qualquer peça de caça.

— Nada de coisíssima nenhuma, essa é que é essa — insiste ainda a voz preguiçosa do ferroviário Goza.

Nuvens resvaladiças esgueiram-se em nesgões mortiços de luz, esfumando pinhal longínquo nos ásperos pendores da montanha, sopradas pela potência iracunda que despe e faz lamuriar algumas carvalheiras, abaixo dos dois homens. Um arroio engrossado pela chuva precipita-se entre fetos altos. Charcos tremem nas concavidades musgosas do penedo. E, nos espinhos aguçados dos

tojos, gotas incham melancolicamente, alongam-se, tombam.

— Nunca me viste nos meus dias — resmunga o caçador Lebrisca, afagando a espingarda, que encostara ao penedo. — O meu chumbo tem olhinhos. Chumbei tudo o que vimos. Dá cá um cigarro.

— Mas não mataste nada de nada, essa é que é essa — torna o ferroviário Goza, estendendo-lhe cigarros e isqueiro.

O caçador Lebrisca recua na cavidade do penedo para conseguir acender um cigarro.

— Calhou — diz, expelindo consoladamente fumadas logo arrastadas pelo vento. — Há dias assim. Mas chumbei tudo. A esta hora deve haver muito coelho a choramingar de muletas por esses montes. Chiça! A sorte deles foi eu chumbá-los sempre de muito longe. O chumbo entrou-lhes na pele já sem força. Mesmo assim, deve haver por aí muito coelho de muletas.

— Cantigas. Não és caçador, essa é que é essa. Comigo não escapava um.

— Olha o terror dos coelhos, que nem espingarda traz! — engalispá-se o caçador Lebrisca. — Conheço este tipo há dias, por simples acaso, numa tasca de Lisboa, e logo ele me convence a virmos hoje por aí acima, na minha carrinha, mais de quatrocentos quilómetros de estrada! Eu a pensar que o grande caçador trazia um equipamento de respeito e nem ao menos uma faca de mato e umas botas! Vem-me para o monte de sapatinhos e mãos nos bolsos! Vieste só para assistir e chatear, foi? Chiça! Aparece-nos cada amigo... Sempre a falar de caça, como quem sabe da poda, e arrasta-me ao fim do mundo, sem trazer ao menos uma espingarda barata, ou... ou... ou um

bocado de chouriço! Chiça! Que raio de caçador és tu?!

Pinga a voz preguiçosa do ferroviário Goza:

— Já te expliquei, pá, que minha mulher emprestou a arma ao meu cunhado, sem eu saber. Dei-lhe duas lambadas mas o mal ficou feito, essa é que é essa. Garanto-te, comigo não escapava um coelho.

Prossegue a voz agastada do caçador Lebrisca:

— Trago eu este tipo por aí acima, toda a noite a romper pneus, a gastar gasolina...

— A gasolina é a meias, como ficou combinado. *Fifti-fifti.*

— Que não sei quê... que no Minho... na serra... que ele é que sabia... que nestes montes havia fartura de coelhos...

— E há. Há ou não há? Não te fartaste de ver coelhos, toda a manhã e parte da tarde, até agora? Vistes-os, só que se foram embora a rir-se de ti, essa é que é essa. Querias que eles ficassem muito quietos à tua frente, de mãos dadas e a sorrir, como se viessem da missa? Comigo não escapava um, toma boa nota, para teu governo.

— E ele a dar-lhe! Chiça, já é mania! No dia da abertura da caça, lá na minha terra, em Vila Franca, levei para casa a carrinha cheia, fica sabendo, amigo. Dezanove peças!

— Nove?

— Dezanove. Três perdizes e o resto tudo coelhos. O ferroviário Goza acende um cigarro.

— Apanhaste-os a dormir a sesta? — zomba, expelindo fumo. — Hoje ainda não te vi fazer nada de nada, essa é que é essa.

— Chumbei tudo o que se viu, mas era longe demais. Não chumbei nada a menos de cento e cin-

quenta metros. Não há caçadeira que mate a cento e cinquenta metros.

— Cano comprido, como a tua, mata a cento e cinquenta. Tem obrigação disso.

— Não mata.

— Mata.

— Não mata. Já fiz a experiência perto de casa. Pendurei um saco a cento e cinquenta passos dos meus, passos largos, de metro. Chumbei, fui ver e o saco estava na mesma.

— Porque és um nabo. Toda a coisa precisa que se saiba mexer nela. Boas armas em más mãos... Essa arma, nas minhas mãos, mata a cento e cinquenta.

— Nem a cem.

— Mata.

— Não mata. Chiça! Só se for bicho do ar, só se for bicho de penas: galinhola, perdiz, tordo, pato ou coisa assim. E para os patos é preciso chumbo número cinco, porque o pato tem a pele dura. Coelhos, mato-os bem a oitenta metros; a oitenta mato-os bem.

— Com uma arma dessas mato a mais de cem. E já matei muito pato com chumbo número três, toma boa nota, para teu governo. Chumbo número cinco é para a raposa, se não sabias ficas a saber.

— Isso da raposa é verdade.

— Pois é. E do pato também.

— Aqui há dias estive para apanhar uma raposinha nova. Podia chumbá-la à vontade, mas queria-a viva. A safada conseguiu meter-se na toca, com a ajuda da *velha*.

— Quando assim é, deita-se enxofre na toca. Elas saem logo.

— Deitei enxofre. Não saíram, as safadas.

— Não saíram? Pode lá ser!